



ASSOCIAÇÃO FAMÍLIAS



1994 - 2014

“CULTURA ACTUAL E FAMÍLIA”

Encontro Nacional das ENS – Fátima, 22 e 23 de Novembro de 2014

Tema : *“Influência mútua entre sociedade e família”*

1. Agradecimentos

2. Parafraseando o Papa Francisco: Não estamos numa cultura de mudanças mas numa mudança de cultura.

2.1 – Temos consciência desta mudança? Em que mudou a sociedade e a família?

3. Quando falamos de Família, de que estamos a falar?

“Comunidade em equilíbrio homeostaticamente estável (verdadeiro ecossistema), baseada na união livre e responsável entre Homem e Mulher, aberta à transmissão da vida e vivificada pelo amor”. Verdadeira comunidade de vida e de amor, que vive no aqui e agora e se prolonga no tempo e no espaço. Com passado! Tem futuro, pois, como nos disse inúmeras vezes, S. João Paulo II: **“o futuro da humanidade passa pela família”!**

Como ecossistema aberto, tem um in-put e um out-put. Por isso, quer se queira ou não, há uma dinâmica permanente entre essa comunidade (todos e cada um dos seus elementos) e o exterior (meio físico, cultural, económico, espiritual e outros), a chamada sociedade (com os seus valores ou ausência deles) e suas características ambientais, como o clima e a poluição.

Mas a Família como ecossistema, tem um **“projecto de vida em comum”**, na diferença essencial dos elementos que a compõe e que marca a sua importância e identidade, na interacção entre todos os componentes.

3.1 Temos famílias abertas aos in-put que as invadem, sem critérios para o agir/reagir? Ou procuramos ser / ter filtros de e com a razão para com tudo o que entra e procura, com insistência e persistência, perturbar ou enriquecer o funcionamento do nosso ecossistema familiar?

- 3.2 Pode ser funcional uma Família sem ter construído e ir re- construindo um “ projecto de vida em comum”?
 - 3.3 Pode uma Família ser funcionante sem que os seus elementos interajam de modo positivo, atento, disponível, aberto e dialogante?
 - 3.4 Pode uma Família, como ecossistema que é desempenhar as suas funções (sociais, culturais, económicas, espirituais, etc) desvalorizando ou tornar-se indiferente aos seus out-put?
 - 3.5 Pode uma Família distrair-se ou alhear-se da sua intervenção cívica ou política na nossa sociedade sem negar a sua identidade de ecossistema vivo e aberto, sem se negar a si mesma?
4. Normalmente, preferimos designar a Família como “célula - base da sociedade“. E é verdade. A Família – comunidade, é estrutura basilar de qualquer sociedade humana, inserida num “ aqui e agora” mutante, apesar dos atropelos à sua existência e sobrevivência, de natureza endógena ou exógena. Como uma célula é uma unidade biológica, estrutural e funcional, indispensável à existência da vida, também a Família é o correspondente para as comunidades humanas. Mas como as células, sendo diferentes na sua estrutura e função, não deixando de o ser só porque falta um ou mais dos seus elementos constitutivos ou algum se alterou. Igualmente a Família não deixa de ser o que é se alguns dos seus constituintes essenciais (Pai/Mãe / Filho(s)) , por várias razões, não está presente. Tal falta fragiliza sempre a qualidade de vida da família em que no ecossistema um elemento não está presente ou “ mal presente”.
5. Família: célula – base e comunidade da sociedade e que é um ecossistema! Por isso age e reage com o meio e os seus elementos constitutivos inter-agem uns com os outros com a sociedade e com a própria Natureza. Como não há ecossistemas fechados, também não há famílias fechadas.
6. Mário Vargas Llosa, Nobel da Literatura 2010, em recente entrevista (c. f. Revista do Expresso de 8.No.2014, pág.20), a propósito desta sociedade decadente em que vivemos: “Este colapso democrático não vem apenas da corrupção económica, mas também da degradação dos valores tradicionais. (...) **Quem sabe o que é hoje o bem e o mal?**“. Em plena “Era do Vazio”, de “Império do Efêmero” e de “Declínio do Dever”, usando os títulos de obras notáveis de um filósofo contemporâneo, que todos conhecem (Gilles

Lipovetsky) vivemos, a sociedade vive, em cheio um relativismo absoluto, tão denunciado pelo Papa Bento XVI. Destrutivo. Desorientador. “Quem sabe o que é hoje o bem e o mal?”

7. Neste tempo que aquele filósofo chamou de hipermoderno, tudo tem de ser efémero, turbo-hedonista, hiperindividualista e egolátrico e turbo-concorrencial-consumista, que lugar fica para o outro, mesmo no seio da comunidade familiar? E que lugar para a construção da comunhão dentro da própria família, reduzida a um pobre aglomerado de pessoas, sem cimento de coesão entre todos, onde só o eu conta? Onde o descartável impera.
8. Depois, a sociedade bem-pensante, que domina o pensamento político dominante, o ensino, a comunicação social, as artes ou a literatura, está-nos a impor o pensamento politicamente correcto inspirado e imposto pela chamada “Teoria do Género“. E as famílias, passivas, tornaram-se permeáveis a este género de pensamento. E não reagem e até agem em sintonia com esta forma deletéria e destruidora da própria sociedade e, obviamente, das famílias. Contudo, esta teoria que, como já referi, é dominante no pensamento actual, está numa dinâmica avassaladora face à conivência de todos nós. As escolas são, neste momento, em Portugal e na Europa, as grandes promotoras desta teoria. Já demos conta?
9. Não, a Família, socorrendo-me do Papa Francisco (17. Nov. 2014, no Colóquio internacional sobre a complementaridade entre homem e mulher) não é um constructo ideológico, manipulável ao sabor das modas! A “Família é um facto antropológico, e, conseqüentemente, um facto social, cultural, etc . Nós não a podemos classificar com conceitos de natureza ideológica.” Não há, por isso, família tradicional como se ouve dizer muitas vezes, o que suporia outras adjetivações específicas.
10. **“A Família é a Família!”**, como, com veemência, o proclamou o Papa Francisco no Colóquio referido acima.
Porém, “ No nosso tempo o matrimónio e a família estão em crise “ (Papa Francisco, idem). Basta olhar para alguns indicadores que a sociedade aceita sem grandes reservas:
 - 10.1 - o número de divórcios aumenta sem cessar (em cada 100 casamentos, 70 acabam em divórcio);

- 10.2 – o número de nascimentos está a um nível assustador, 1,28! – e tem estado a baixar de forma constante desde 1980;
- 10.3 - o número de casamentos tem diminuído enormemente, civis ou católicos;
- 10.4 - As chamadas uniões de facto têm cada vez maior peso;
- 10.5 - O número de crianças vítimas da conflitualidade dos divórcio/separação dos pais é cada dia maior;
- 10.6 - A imposição do chamado casamento homossexual como sinal de modernidade;
- 10.7 – O hiper-erotismo dominante nos filmes, telenovelas ou na publicidade. Uma sociedade pornográfica!

11.- “A crise da família deu origem a uma crise da ecologia humana, pois que o ambiente social, como o ambiente natural, Têm necessidade de serem protegidos (...) . ”É por isso indispensável promover uma nova ecologia humana e fazê-la avançar“. É dramática esta situação! Vejamos, meramente a título de exemplo, as violências intra-familiares e da sociedade. Que dizer do aumento crescente de abortos, violência extrema exercida sobre os mais frágeis, as crianças por nascer. E entre os frágeis estão também os idosos, muitos “vegetam” no isolamento! Pensemos nas violentas campanhas, directas e sub-reptícias para a legalização da eutanásia.

A sociedade do descartável. A Família do descartável!

12. Como respondemos nós à convocatória do Papa, que insistentemente, nos tem dirigido para sermos “Igreja em saída”! Mas em saída com objectivos definidos. Seguindo itinerários pedagógicos bem estruturados e fundamentados (p. ex. conhecemos bem a “Familiaris consortio”, a “Evangelium vitae” ou , mais recente “Evangelii gaudium” ?).

Como me disse uma vez o meu querido Amigo, Dom Manuel Martins, Bispo Emérito de Setúbal: “**Chega de pastoral de engorda!**”. Ou, como nos diz S. Tiago: “**A Fé sem obras é morta**”.

13. “Quando nos preocupamos com as nossas famílias e as suas necessidades, quando entendemos os seus problemas e esperanças (...) quando se apoia a família, os esforços repercutem-se não só em benefício da Igreja; ajudam também a sociedade inteira” (Papa Francisco, Maio 2014, aos Bispos do Sri Lanka).

14. Permitam-me que vos deixe um “trabalho de casa”, para ajudar a melhorar a qualidade de vida deste binómio fundamental para a humanidade. Vamos celebrar o **DIA DA MEMÓRIA DA FAMÍLIA**, projecto fundamentado que está, para leitura cuidada e respectiva aplicação, nas vossas pastas. (Recordo o que S. João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Ecclesia in Europa”, nº 7: ”quero recordar a crise da memória e herança cristãs (...) (fazendo com que) muitos europeus dêem a impressão de viver sem substrato espiritual e como herdeiros que delapidaram o património que lhes foi entregue pela história”

Somos uma sociedade órfã do Passado. “Presentista”. Com um “ofuscamento da esperança” (id.), ou se quiserem, órfãos do Futuro. Triste presente a que temos, todos e cada um de nós, de saber encontrar e implementar uma resposta positiva e esperançosa para uma sociedade cuja cultura dominante e dominadora “dá a impressão de uma apostasia silenciosa“ (id. Nº9) e promotora incansável de “uma cultura de morte” (id. Nº9). Por isso, é imperioso que nos tornemos numa Igreja em saída à busca das periferias da sociedade, e nas quais, talvez as periferias mais periféricas (desculpem-me a redundância) estão nas nossas famílias com as quais, tantas vezes na indiferença ou na acusação, se cruzam connosco todos os dias.

15. ”Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!” (Papa Francisco, id, nº80) nas e para as nossas famílias reais e não virtuais! Nem anónimas. Cada família existe num tempo e num espaço geográfico-cultural e económico e prolonga-se no tempo e vem do tempo, expandindo-se no espaço, nos espaços. Servindo as famílias deste tempo, nesta sociedade, no concreto das plurifacetadas realidades das famílias, com as suas alegrias e muitas tristezas, nas esperanças e nas angústias, preparando um futuro melhor. Temos de ser famílias em saída ao encontro das periferias, como já referi. Não à toa, mas, a partir com o “bortal e o cajado de peregrinos” que somos neste caminhar aqui e agora na Terra, fiéis às promessas do nosso Baptismo, ao encontro dessas periferias das famílias que abundam na nossa sociedade, “a partir das riquezas da Palavra de Deus e da tradição da Igreja, neste desejo de comunhão e de unidade que o Espírito Santo suscitou no nosso tempo “ (Papa Francisco, ao Movimento dos Focolares, Roma, 26.Nov.2014) que são os citados bortal e cajado de quem se põe em saída, em marcha em direcção das periferias da

sociedade, com particular solicitude as famílias, cada vez mais numerosas, que estão nas margens, nas periferias.

16. Como disse recentemente o Papa Francisco (Festa da Exaltação da Sta Cruz, 14.Set.2014): "As famílias constituem o primeiro lugar onde nos formamos como pessoas e, ao mesmo tempo, são os "tijolos" para a construção da sociedade".

Que "tijolos" somos na construção desta sociedade? Que precisamos de mudar para dar consistência aos tijolos que constroem a sociedade? Que sociedade, afinal, queremos construir?

17. No Ano Internacional da Família, 1994, escrevi: *O coração do mundo pulsa na Família!* Mantenho o que então escrevi vinte anos depois.

A Família, é **"PATRIMÓNIO IMATERIAL E MATERIAL DA HUMANIDADE"**. Hoje e sempre. Saibamos defender este precioso dom de Deus! Assim, e só assim, salvaremos esta sociedade ou, se se quiser, e talvez seja mais positivo, seremos capazes de construir uma outra sociedade mais humana e humanizante.

18. Convém recordar o que nos dizia S.João Paulo II na sua extraordinária e sempre actual "Exortação apostólica Familiaris Consortio" (nº45): "A íntima conexão entre a família e a sociedade, assim como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também à sociedade que não abandone o seu dever fundamental de respeitar e promover a família.

A família e a sociedade têm certamente uma função complementar na defesa e na promoção do bem de todos os homens e de cada homem. Mas a sociedade, e mais especificamente o Estado, devem reconhecer que a família é "uma sociedade que goza de direito próprio e primordial" e portanto nas suas relações com ela são gravemente obrigados ao respeito do princípio de subsidiariedade."

19. Agradecimentos.

Carlos Aguiar Gomes

Fátima, 22 de Novembro de 2014, em tempo das I Vésperas da solenidade de Cristo Rei e Senhor do Universo